

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional
Curso de Psicologia

Trabalho de Conclusão de Curso



**O Mulato e A Redenção de Cam: enfrentamento ético, estético e político de
Miguel Barros às políticas de embranquecimento**

Pelotas, 2022

Julio Ribeiro Xavier

**O Mulato e A Redenção de Cam: enfrentamento ético, estético e político de
Miguel Barros às políticas de embranquecimento**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade de Medicina da Universidade
Federal de Pelotas, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Édio Raniere da Silva

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

X3m Xavier, Julio Ribeiro

O Mulato e A Redenção de Cam: enfrentamento ético, estético e político de Miguel Barros às políticas de embranquecimento / Julio Ribeiro Xavier ; Édio Raniere da Silva; orientador. — Pelotas, 2022.

49 f. : il.

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)
— Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas,
2022.**

1. Psicologia. 2. Estética. 3. Racismo. 4. Embranquecimento. I. Silva, Édio Raniere da, orient. II. Título.

CDD : 150

Elaborada por Elionara Giovana Rech CRB: 10/1693

Julio Ribeiro Xavier

O Mulato e A Redenção de Cam: enfrentamento ético, estético e político de Miguel
Barros às políticas de embranquecimento

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Psicologia, Faculdade de Medicina da Universidade Federal de
Pelotas.

Data da defesa: 1 de dezembro de 2022

Banca examinadora:

Prof. Dr. Édio Raniere da Silva (Orientador)

Doutor em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande
do Sul

Prof. Dr. Clóvis Vergara de Almeida Martins Costa

Doutor em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Moisés José de Melo Alves

Doutor em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande
do Sul

Resumo

XAVIER, Julio Ribeiro. O Mulato e A Redenção de Cam: enfrentamento ético, estético e político de Miguel Barros às políticas de embranquecimento. 2022. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

Este artigo teve como objetivo criar um diálogo entre a obra *A Redenção de Cam* (1895) e a trajetória do artista plástico Miguel Barros (1913-2011), dando destaque às suas atividades como ativista da Frente Negra Pelotense e colaborador do jornal *A Alvorada*, o que possibilitou construir uma discussão sobre como a discriminação atravessa a subjetividade de pessoas negras e o papel exercido pelas frentes negras para denunciar as desigualdades no Brasil e as reações ao projeto de embranquecimento, buscando desconstruir o mito da democracia racial.

Palavras-chave: Estética. Racismo. Embranquecimento. Frente Negra Pelotense. Miguel Barros.

Abstract

This article aimed to create a dialogue between the painting *A Redenção de Cam* (1895) and the trajectory of the artist Miguel Barros (1913-2011), highlighting his activities as an activist of the Frente Negra Pelotense and contributor to the newspaper *A Alvorada*. That allowed us to build a discussion about how discrimination crosses the subjectivity of black people and the role played by black fronts to denounce the inequalities in Brazil and the reactions to the whitening project, seeking to deconstruct the myth of racial democracy.

Keywords: Aesthetics. Racism. Whitening. Frente Negra Pelotense. Miguel Barros.

SUMÁRIO

PROJETO DE PESQUISA

1. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA	5
2. OBJETIVOS	22
2.1 Objetivo Geral	22
2.2 Objetivos Específicos	22
3. REVISÃO TEÓRICA	22
4. METODOLOGIA	24
5. CRONOGRAMA	24
6. REFERÊNCIAS	25
7. ARTIGO: O MULATO E A <i>REDENÇÃO DE CAM: ENFRENTAMENTO ÉTICO ESTÉTICO E POLÍTICO DE MIGUEL BARROS ÀS POLÍTICAS DE EMBRANQUECIMENTO</i>	31
8. INTRODUÇÃO	32
9 CAM E O DESEJO DE EMBRANQUECIMENTO DO BRASIL	34
10 A FRENTE NEGRA BRASILEIRA (FNB) NA LUTA CONTRA O RACISMO E A DESIGUALDADE	36
11 A ALVORADA E A FRENTE NEGRA PELOTENSE (FNP)	37
12 MIGUEL BARROS, O MULATO: ENTRE A ARTE E O COMBATE AO RACISMO	40
13 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
14 REFERÊNCIAS	47

PROJETO DE PESQUISA

1. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

O filme Medida Provisória (2022), dirigido pelo ator e cineasta Lázaro Ramos, apresenta uma história que se passa em um futuro distópico no qual um governo autoritário determina através de uma medida provisória que os negros, agora chamados de “cidadãos de melanina acentuada”, deverão ser enviados de volta ao continente africano.

Antes de ser um filme de entretenimento é um filme de arte e o seu conceito genérico seria de um filme que desencadeia no espectador uma visão crítica da sociedade e isso toda a arte tem essa finalidade.

Essa película, apesar de narrar uma história fictícia, fornece pistas sobre fatos que fazem parte da história do Brasil e que não deixam dúvidas que houve um projeto de Estado entre o final do século XIX e início do século XX que visava “eliminar” a sua população negra e indígena.

Anteriormente a Abolição da Escravatura (1888), o conceito de raça, mais precisamente o racismo científico, partindo da Europa, passou a ser difundido em todo mundo. O Brasil recebeu grande influência das ideias do Conde de Gobineau, um diplomata francês que atuava no País e que propagava essa “teoria” por aqui. Para Gobineau o Brasil estava fadado ao fracasso como Nação alegando que a mestiçagem seria um empecilho para se tornar um grande País.

No Brasil o racismo científico encontrou uma boa recepção entre autoridades e intelectuais da época, pois como herança da escravidão tínhamos a maior população negra fora do continente africano e este seria o principal motivo de impedimento de nossa “evolução”.

A partir dessa percepção já podemos identificar os elementos primordiais que estruturaram a subjetividade da população brasileira na relação entre negros, indígenas e brancos.

Para os nossos “cientistas raciais” somente uma regeneração racial através do embranquecimento da população e como consequência o desaparecimento de negros e mestiços criaria as condições necessárias para seguirmos no “curso normal” do futuro do País.

As legislações da época, bem como projetos de leis apresentados no legislativo tinham essa finalidade, entretanto na impossibilidade de sua concretização plena, essa percepção sobre futuro da população negra e mestiça do Brasil muda a partir dos anos 1930, mas não desaparece. O discurso racista começa

a perder força nos argumentos do campo político e nas interpretações do processo de desenvolvimento nacional. O aspecto positivo da mestiçagem no Brasil passa a ser considerado um importante elemento da unidade do povo brasileiro, fruto da superação das diferenças entre as raças, que a convivência harmônica permitiu ao país "se libertar" dos conflitos raciais observados em outros países. A partir daí, legitima-se a nossa democracia racial, valorizando a mestiçagem que na realidade tinha por objetivo encobrir a manutenção de privilégios da população branca através do racismo e a sua providencial "redução de danos." O fundamental era ainda buscar "alternativas" para solucionar o "problema da população negra" no Brasil.

Não bastava implementar políticas migratórias buscando os povos europeus para embranquecer a população, o Estado brasileiro também precisava eliminar a cultura da população negra no Brasil e as religiões de matriz africana foram as principais vítimas. Ao longo da história da República essas religiões passaram a ser perseguidas pela polícia, seus templos eram constantemente invadidos e seus objetos religiosos apreendidos e os "efeitos colaterais" ainda estão presentes no nosso cotidiano.

Muito se discute sobre as consequências do "racismo estrutural" que mantém a população negra do Brasil ocupando a base da pirâmide social, no entanto esses debates não se aprofundam buscando as origens do problema.

Que instrumentos foram pensados pelo Estado brasileiro para cumprir a "meta" de formar uma população composta de epiderme branca "quase europeia?"

De acordo com a explanação do médico e cientista João Batista Lacerda, diretor do Museu Nacional, representante do Brasil no I Congresso Universal de Raças, realizado em julho de 1911, em Londres, o Brasil negro e mestiço em cem anos seria povoado por uma população branca, pois a miscigenação com o povo europeu cumpriria o "nosso destino".

Não surpreende encontrar um decreto de 1945 que trata de imigração no Brasil, que vigorou até 1980, onde seu artigo segundo destaca: "atender-se-á, na admissão dos imigrantes, à necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua **ascendência europeia**, assim como a defesa do trabalhador nacional".

Lacerda estava tão convicto em seus argumentos que em sua comunicação recorreu ao que seria o "ícone" do pensamento da sociedade brasileira sobre o

modelo de povo desejado. Utilizou como ilustração a reprodução da pintura *A Redenção de Cam*.

Desde criança, quando possível, eu visitava os museus históricos do centro da cidade do Rio de Janeiro. Lembro que sempre que a minha mãe precisava ir ao centro, principalmente para pagar as prestações do financiamento do apartamento onde morávamos, na periferia, percorríamos quase todas as ruas, então não foi difícil lembrar de todos aqueles lugares históricos do Rio.

A sede da Companhia Estadual de Habitação (CEHAB) estava localizada na praça XV, perto da estação das barcas. Todo mês ela pagava o carnê do financiamento naquele local.

A praça XV tem grande importância histórica. No período colonial era a porta de entrada de muitas pessoas escravizadas trazidas do continente africano até 1811, quando passou a ser realizada no Cais do Valongo.

Umas das construções que mais chama a atenção na praça é o Paço Imperial que foi a primeira residência oficial da Família Real Portuguesa em 1808. Ocorreu ali o discurso do Dia do Fico proferido por Dom Pedro I e foi lá que a Princesa Isabel assinou a carta de Abolição da Escravatura no Brasil, a Lei Áurea, em 13 de Maio de 1888.

Apesar de residir longe do centro do Rio, a minha mãe me levava e meus dois irmãos nas suas andanças pelo centro da cidade. Quando não era para pagar alguma conta, era para comprar roupas e tecidos na rua da Alfândega e na rua do Ouvidor. Eu ficava admirado com tanta gente andando de um lado para o outro, tantos edifícios antigos e modernos compartilhando os mesmos espaços. Era assustador pensar em ficar perdido no centro da cidade.

Era bem diferente do nosso bairro. Em Acari morava muita gente preta, mas no centro não era assim. Havia pessoas pretas, mas não era tanto quanto nos subúrbios ou nas cidades da Baixada Fluminense. Quando a minha mãe saia com a gente para comprar o uniforme e material escolar, ela preferia comprar na cidade de Duque Caxias, na Baixada Fluminense. Em Caxias o povo negro predominava, mas também a miséria nas ruas, que não eram tão limpas como no centro do Rio. O ônibus passava longe do lixão do bairro de Jardim Gramacho, mas podíamos sentir o mau cheiro e avistar aquele monte de pessoas correndo atrás do caminhão de lixo

e muitas crianças revirando junto com os urubus.

Em nossas longas caminhadas pelo centro do Rio, agarrávamos na mão de nossa mãe com energia, com medo de se perder, pois suas passadas eram rápidas e os poucos intervalos eram para comprar biscoito de polvilho Globo. Tal medo tinha fundamento, naquela época ouvíamos histórias de crianças perdidas que eram levadas pelo "carro do juizado de menores". Diziam que eles recolhiam crianças que fossem encontradas desacompanhadas nas ruas e "internavam" em "colégios internos" da Fundação Nacional do Bem Estar do Menor (FUNABEM). Minha mãe tinha seis filhos quando ficou viúva do primeiro casamento. Sem recursos para manter meus irmãos e irmãs, ela internou os meninos mais velhos em "colégios internos". Um irmão, o Joilton, foi para um "colégio interno" em Minas Gerais, outro, o "Bené" ficou no Rio. Eu sabia que era da FUNABEM, era conhecida como "Escola Quinze" e ficava no bairro de Quintino Bocaiúva. Nós visitávamos o Bené todo mês e ele só saiu da "Escola XV" quando completou 18 anos. Ele fez um curso de marcenaria. Ficou pouco tempo nessa profissão. Preferia trabalhar em um escritório. Exerceu um bom tempo a função de auxiliar de escritório, mas também não estava satisfeito. Resolveu sair de casa e foi morar na sede da Associação dos Ex-Alunos da FUNABEM (ASSEAF), onde assumiu a presidência durante um longo tempo até que por volta de 2011, recebi uma ligação de uma irmã com a informação de que o Bené havia falecido vítima de homicídio, durante uma briga de bar.

O Joilton, eu só ouvir falar quando ele já era maior de idade e já era casado.

Mãe conhecia vários lugares do Rio. Pelas conversas que eu ouvia entre ela, meus tios, tias e minha avó, eles chegaram no Rio, oriundos do sul da Bahia, cidade Ilhéus ou Itabuna. Durante algum tempo foi empregada doméstica em casa de famílias de classe média do Rio, quando conheceu meu pai. Já era viúva e ainda estava com duas filhas e um filho. Não sei porque esse meu irmão e irmãs não foram "internados" nos "colégios internos". Talvez porque eram "novinhos". Minha mãe possuía uma casa em situação precária no morro do Castro, na cidade de São Gonçalo, região metropolitana do Rio, assim como os outros tios e tias que vieram da Bahia. Ela deixou a casa e foi morar com o meu pai na casa da minha avó no bairro de Honório Gurgel no Rio. Meu pai já era cabo da Polícia Militar do Rio. Tinha uma condição financeira simples, mas conseguia o sustento da família.

O centro do Rio revelava entre os vários locais de importância histórica o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) que foi construído para sediar a Escola Nacional de Belas Artes em 1908. Hoje essa instituição possui a maior e a mais importante coleção de arte brasileira do século XIX.

Figura 1 - Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)



Fonte: Jaime Acioly. Foto. (S/data)

Em algum momento da minha infância eu visitei o MNBA e me deparei com uma grande tela que na época eu não sabia o seu real significado, *A Redenção de Cam*. Era um painel majestoso, com suas cores fortes e vibrantes que chamava a atenção. Uma mulher idosa de pele negra que lembrava a minha avó que possuía a pele negra "retinta", assim como a pele de minha mãe. Na tela havia também uma mulher mais nova de pele em menos escura, sentada carregando uma criança branca em seu colo e ainda um homem branco sentado na porta de uma casa. A imagem ressaltava a diferença nas tonalidades de suas epidermes.

Essa tela ainda traz a recordação da minha avó, com a sua pele negra retinta, seus cabelos brancos como algodão, quase centenária, com as mãos calejadas e

seus passos cansados de quem teve uma infância difícil no interior da Bahia.

Quando visitávamos a casa da minha avó, nunca faltava comidas gostosas e muita diversão. Eu me preparava para comer tudo o que ela fazia.

Por mais que compreendamos que a morte chega para todos, foi muito doloroso a sua perda, pois foi uma pessoa que eu nem conseguia imaginar indo embora para sempre.

Figura 2 - BRO COS, Modesto. A redenção de Cam.



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes. Painel a óleo sobre tela. 199 x 166 cm,(1895).

Conforme Lotierzo(2017), a *Redenção de Cam* é uma pintura a óleo sobre tela do artista espanhol Modesto Brocos (1852-1936) produzida em 1895 e foi premiada com a medalha de ouro no Salão Nacional de Belas Artes no mesmo ano. A obra retrata de forma simbólica as teorias raciais que permeiam os discursos na

Europa e seus reflexos no Brasil, do fim do século XIX na busca pelo "embranquecimento" da população por meio da miscigenação.

Qual a importância dessa tela para a nossa pesquisa? Essa obra tornou-se o referencial das aspirações da sociedade brasileira do "modelo" de povo brasileiro desejado e uma didática demonstração de como seria possível executar essa "aspiração nacional".

Quem seria Cam? Qual é a sua história? Essa resposta encontramos na Bíblia Sagrada. De acordo com seus escritos Cam, foi um dos três filhos de Noé que conforme relato no livro de Gênesis, embriagou-se com vinho e Cam então entrou na tenda onde o pai estava despidão e contou aos seus irmãos Sem e Jafé, que lhe cobriram com uma capa, manifestando o respeito que Cam não teve. Ao despertar, Noé soube e lançou uma maldição sobre Cam.

"Maldito seja Cam; seja servo dos servos de seus irmãos".

A partir dessa interpretação tortuosa da Bíblia argumentou-se que os negros foram amaldiçoados com a escravização. Foram essas as justificativas para a Europa cristã, com o respaldo da Igreja, escravizar os povos do continente africano.

A minha curiosidade sobre a tela surgiu a partir do meu interesse em estudar História da Arte, quando finalmente me deparei com alguns artigos acadêmicos que tratavam da citada obra. Com essa investigação foi possível realizar uma interpretação da tela.



Detalhe dos pés descalços da mulher negra no piso de terra.

Observando da esquerda para a direita temos uma mulher negra, de lenço na cabeça, única descalça, pisando em chão de terra, resignada, com as mãos erguidas em demonstração de agradecimento, em seguida a mulher, provavelmente, sua filha de pele mais clara, sem lenço cobrindo a sua cabeça, usando calçados, com uma criança de pele branca no colo, pisando na transição entre o chão de terra e a calçada. Ao que tudo indica o homem branco sentado na área totalmente calçada, com a face voltada para o filho demonstrando satisfação, seria seu esposo.



Detalhe da mulher negra de lenço na cabeça com as mãos erguidas em sinal de agradecimento.

Qual seria o significado do lenço cobrindo a sua cabeça? Por que a outra mulher, que seria a sua filha, não utiliza também um lenço? Este questionamento demonstra aspectos importantes. Ela não foi retratada com um turbante, uma indumentária carregada de histórias, ancestralidades, identidades e culturas que era muito utilizadas pelas mulheres negras, fossem escravizadas ou libertas.

Figura 5 - Vendedoras com seus turbantes no Rio de Janeiro



Fonte: Marc Ferrez / Coleção Instituto Moreira Salles (1875)

As minhas tias, assim como a minha mãe, durante algum tempo, utilizavam turbantes, depois passaram a usar perucas de cabelos lisos pretos e recorriam aos alisamentos.

Além da epiderme, o cabelo tem relevância como uma marca identitária entre as mulheres negras e permanece como um dos principais sinais da negritude.



Detalhe do lenço cobrindo o cabelo da mãe, a exposição dos cabelos da filha, neto e pai.

Assim como existe uma passagem gradual de uma cor para outra ou de uma tonalidade pele para outra na tela, é possível sustentar que o mesmo ocorre com os cabelos. A mulher negra é apresentada na obra sem a exposição do seu cabelo, seguindo a mesma lógica, o seu cabelo seria crespo, a sua filha já apresenta um meio termo com tendência dos cabelos para o liso, o filho branco com cabelo liso, exalta uma herança genética do pai branco.

A estética do cabelo crespo sempre provocou inquietação na autoestima da mulher negra (PEQUENO, 2019), tratando-se de uma consequência do racismo e as suas nuances que se manifestam de várias formas. Assim como a cor da pele, a “textura” do cabelo também conduziu a mulher negra a recusar o cabelo natural e a buscar saídas para se enquadrar num padrão estético que possibilite sua aceitação.

Havia uma rotina das mulheres de nossa família em relação ao alisamento de seus cabelos. Muitas vezes eu acompanhava minha mãe ou uma das minhas irmãs em suas idas às casas das cabeleireiras para fazer o "alisamento mecânico". Normalmente eram donas de casa que exerciam essa atividade para aumentar a renda. Elas faziam "chapinha" e "pente quente" no cabelo. Também estava incluso nesse processo a utilização de produtos à base de soda cáustica, formol e amônia.

Em inúmeras ocasiões ocorriam danos colaterais, com a queda acentuada dos cabelos e feridas provocadas no couro cabeludo pelos produtos químicos, além de queimaduras ocasionadas por acidentes com o "pente quente".

Figura 6 - Chapinha e pente quente



Fonte: Autor, fotografia (s/data)

Para as minhas colegas negras, essa situação também era bastante traumática, principalmente na escola. Assim como as minhas irmãs, além de ter que se submeterem a esses tratamentos nos cabelos constantemente, elas também sofriam bullying de colegas quando os cabelos caiam e eram obrigadas a assistir as aulas utilizando os lenços, para esconder os "estragos capilares" a que estavam sujeitas, ou faltavam às aulas para evitar os constrangimentos. Os dias de chuvas eram momentos de muita tensão, pois a chuva poderia "desarmar" os seus cabelos.

Converter a "maldição" lançada por Noé em "redenção" seria a "salvação" que por sua vez levaria a extinção do negro que se torna branco.

Dessa forma, o quadro apresenta de forma "didática" o processo de "evolução" da família.



Detalhe da tonalidade da pele da criança branca no colo da mãe.



Detalhe do semblante do homem branco demonstrando satisfação ao admirar o filho.

A minha experiência com a arte plástica, despertou o meu interesse no processo de criação artística, no entanto, a partir da minha vivência, entendendo que a produção de arte precisa ter um papel importante na nossa sociedade, apresento uma proposta de ressignificar e reciclar materiais que seriam descartados, reduzindo assim o acúmulo de lixo que temos no nosso planeta, principalmente materiais plásticos.

Figura 7 - O peixe no mar de plásticos



Fonte: autor. material plástico e papelão reciclado, (2020).

Figura 8 - Mulher de verde e rosa



Fonte: autor., material plástico e papelão reciclado,(2021).

Figura 8 - Paisagem



Fonte:autor, tinta acrílica, linha de crochê e papelão reciclados, (2022).

No Brasil aprendemos desde cedo que vivemos em harmonia e que "todos são iguais perante a lei", no entanto dados de pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) comprovam uma desigualdade concreta que difere da igualdade abstrata. Negros e brancos são tratados de maneira desigual no País e o tão citado "racismo estrutural" é o desdobramento dessa relação perniciosa.

Mas por que, apesar dessa disparidade social entre negros e brancos, a

democracia racial ainda encontra seus defensores? e quais as consequências dessas ações para a saúde mental da população negra?

Não há dúvida que o racismo é um desencadeador de sofrimento psíquico na população negra, pois a relação de poder, exclusão, a falta de sentimento de pertencimento, inferioridade, incapacidade, rejeição, violência e solidão, tudo isso é um reflexo do passado, onde um grupo racial foi historicamente privado de dignidade, de condições de viver no mundo do trabalho remunerado e atenção a sua saúde mental.

Mais do que investigar, nos propusemos a desenvolver a noção de escrevivência de Conceição Evaristo, pois utilizando as nossas experiências, podemos viabilizar narrativas coletivas. Com a escrevivência contamos nossas histórias particulares que se articulam com histórias coletivas e a partir de nossa posição de sujeito da pesquisa e pesquisador podemos oferecer uma contribuição para a fala dos outros.

Neste sentido, a nossa investigação, buscará compreender sobre os processos envolvidos na construção dessa subjetividade negra que foi significativamente atravessada por ações cujo objetivo era a sua "eliminação" enquanto um grupo racial que formava a população brasileira.

O debate sobre o antirracismo no Brasil, passa obrigatoriamente pela necessidade de desconstruir o mito da democracia racial. Mas essa ideologia muito bem consolidada no imaginário de brancos e negros na realidade desconsidera que a jovem República implementou políticas imigratórias, as quais a "tonalidade da pele" era elemento fundamental para receber direitos e benefícios do Estado no processo de branqueamento da população brasileira e as suas consequências são sentidas até hoje pela população negra, conforme dados apresentados por diversos órgãos de pesquisa.

Basta lembrar o apoio "generoso" a inúmeros eventos e figuras públicas que reproduziam pseudociências que respaldavam à eugenia e o racismo no Brasil no século passado.

Assim, diante de tal realidade, este trabalho pretende proporcionar informações relevantes para aprofundar o debate sobre o tema.

2. Objetivos da Pesquisa

2.1 Objetivo Geral

A nossa investigação tem por finalidade estudar os vários aspectos que validaram esse não pertencimento da população negra no Brasil como bem afirmou o escritor Lima Barreto em seu Diário Íntimo, "como é ruim não ser branco".

2.2 Objetivos Específicos

Explicar os dispositivos utilizados pelo Estado brasileiro para colocar em execução o processo de "embranquecimento" da população negra brasileira; e

Analizar os "efeitos colaterais" dessas políticas de Estado implementadas para "embranquecer" a população e suas consequências para a população negra.

3. REVISÃO TEÓRICA

Em nossa revisão bibliográfica inicial "elegemos" algumas obras clássicas que tratam do tema e que pontuam as questões a serem tratadas na nossa investigação. Consideramos que iniciar uma discussão sobre racismo e o processo de branqueamento no Brasil se torna incompleta sem considerar alguns aspectos da obra do sociólogo Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala* (1933), considerada o maior clássico da sociologia brasileira.

Para o autor, a miscigenação trouxe benefícios para o Brasil e com essa percepção o discurso racista do início do século XX perde força no campo político, e nas interpretações do processo de desenvolvimento nacional. Freyre usa um suposto aspecto positivo da mestiçagem no Brasil que passa a ser considerada um elemento importante na formação da nossa identidade e a partir daí, legitima-se nossa democracia racial.

Em 1977, durante o Segundo Festival de Artes e Culturas Negras, em Lagos, Nigéria, o ator, diretor e dramaturgo Abdias Nascimento, dá início a organização e sistematização do movimento negro, promovendo a luta pela consciência racial e valorização do povo negro, apresentando um artigo, que expõe as condições da população negra no Brasil, abalando a narrativa da democracia racial.

O livro *O genocídio do negro brasileiro*, publicado em 1978, Abdias denuncia a destruição deliberada das linguagens africanas, as perseguições as religiões de matriz africana e a miscigenação como forma de embranquecer o povo negro.

Segundo Abdias, no Brasil se reproduziu a forma mais perversa e sofisticada de racismo que existe no mundo, porque o ordenamento jurídico existente aqui assegurou igualdade formal que dá a "todos" os cidadãos (ãs) uma suposta igualdade de direitos e oportunidades e respaldou o argumento de que a população negra está na base da pirâmide por sua própria incapacidade.

Ao discutir as consequências do racismo na constituição da subjetividade da população negra, a médica psiquiatra Neusa Santos Souza relacionou a questão racial com a psicanálise. Em seu livro *Tornar-se negro* (1983), a autora promove uma discussão sobre a situação da vida emocional da população negra na sociedade brasileira que é orientada por valores brancos, em que os espaços de decisão são ocupados por pessoas brancas. Em seus estudos, Souza é a primeira psicanalista a abordar os impactos psíquicos da violência física e simbólica contra a população negra no Brasil.

Promovendo um debate onde aborda o racismo e a suas consequências, questionando, principalmente, o fato de que negros e negras ocupam os espaços e as funções mais desvalorizados possíveis, interditados aos espaços de poder ocupados por uma classe dominante branca, o livro *Lugar de negro* (1982), de Lélia González, em parceria com Carlos Hasenbalg, trata o racismo e os seus desdobramentos para a população negra.

Em *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*, publicado em 1999, Kabengele Munanga interpreta a democracia racial mais como máscara do que como ideal. Para o autor, se fosse um ideal, viria acompanhado de ações e políticas públicas concretas para integrar os negros na sociedade, para possibilitar oportunidades reais. Para Munanga uma outra circunstância agravante da democracia racial é que ela impõe o silêncio. Destaca ainda que as características físicas desejáveis seriam a do branco e diante desta referência, o negro não se enquadra. Daí, muita gente querer fugir da negritude – que é símbolo de inferioridade.

Por fim, temos Frantz Fanon que em *Pele negra, máscaras brancas* (1952) examina os mecanismos psicológicos que dão sustentação à ideia de inferioridade associada à pele negra, além pensar o conceito de "branquitude" e o sentimento de inferioridade de negros e o desejo de "embranquecer".

4. METODOLOGIA

O trabalho a ser desenvolvido consistirá em um estudo de pesquisa bibliográfica, onde a construção deste processo será realizada com o fichamento de artigos e livros e a abordagem metodológica utilizada nesta pesquisa é qualitativa e contempla o campo transdisciplinar envolvendo as ciências humanas e sociais.

5. CRONOGRAMA

Mês/Etapas	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Escolha do tema	X									
Revisão Bibliográfica		X	X	X						
Elaboração do Projeto de pesquisa			X	X	X					
Qualificação do projeto						X				
Coleta de dados						X				
Análise dos dados							X			
Redação do Trabalho								X		
Entrega do trabalho final									X	
Defesa do trabalho										X

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Decreto nº 528, 28 de junho de 1890. Regulariza o serviço da introdução e localização de imigrantes na Republica dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 21 mar 21.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas;** Salvador: EdUfba, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família patriarcal brasileira sob o regime de economia patriarcal.** Paris: Coleção Archivos/Alca XX, 2002.

GONZALEZ, Lélia & Hasenbalg, Carlos. **Lugar de negro.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/lc3a9lia-gonzales-carlos-hasenbalg-lugar-de-negro1.pdf>. Acesso em: 5 Jun 22.

LESSER, J., 1994. **Legislação imigratória e dissimulação racista no Brasil (1920-1934).** Arché Ano III, nº 8. Rio de Janeiro: Faculdades Cândido Mendes.

LOTIERZO, Tatiana H. P. **Contornos do (In)visível: Racismo e Estética na Pintura Brasileira (1850-1840)**, São Paulo: Edusp, 2017.

LOTIERZO, Tatiana H. P. e SCHWARCZ, Lilia K. M. **Raça, gênero e projeto branqueador: "a redenção de Cam"**, de modesto brocos. nº 5, 28 Set 13. Disponível em: <http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article254>. Acesso em: 4 mai 22

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PEQUENO, Anita. **História sociopolítica do cabelo crespo**. Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC/Letras/UFRJ, ano XVI, 1º semestre 2019. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/historia-sociopolitica-do-cabelo-crespo/>. Acesso em 23 Jun 22.

QUEIROZ, Rafaële Cristina de Souza. **Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra**. Cad. Gên. Tecnol., Curitiba, v. 12, n. 40, p. 213-229, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: 25 Jun 22.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar. 2011, p.225-242.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro” - As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**; Ed. Graal, RJ-1983.

ARTIGO

O Mulato e *A Redenção de Cam*: enfrentamento ético, estético e político de Miguel Barros às políticas de embranquecimento

1 INTRODUÇÃO

O trabalho em questão busca problematizar o processo de subjetivação da população negra a partir do racismo e de um projeto de embranquecimento adotado no Brasil, baseado em uma política de imigração europeia. O artigo analisa as maneiras adotadas por um segmento da população negra para construir formas de resistência à sistemática exclusão social imposta por tais políticas.

Dessa forma, nossa análise trabalha questões disparadas pela obra *A Redenção Cam* (1895), de Modesto Brocos, na ideia de uma nacionalidade branca a partir do cruzamento racial para viabilizar o embranquecimento da população brasileira. Consideramos também a função dos mecanismos jurídicos utilizados para restringir e criminalizar a população negra e como a atuação das frentes negras tiveram um engajamento contra as práticas racistas banalizadas no dia a dia do povo negro. O pintor Miguel Barros, o Mulato, exerce um papel importante neste processo. Além de seu compromisso na promoção da arte, cultura e educação como instrumento de luta e inclusão, Barros também expõe as discriminações raciais sofridas no Brasil e as suas consequências na vida dessas pessoas.

Nossa investigação tem como recorte territorial a cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul nos anos 1930-1940, onde destacamos a trajetória do artista visual, colaborador e redator do jornal *A Alvorada* e da *Frente Negra Pelotense (FNP)*, Miguel Barros, o Mulato, no período em que permaneceu na cidade, comprometido não somente com a sua produção artística, mas no enfrentamento ao racismo.

Neste sentido contrapor as atividades de Barros enquanto ativista lutando contra a discriminação de negros e a obra *A Redenção de Cam* (1895) possibilita discutir um Brasil que estava determinado a ser branco e um povo negro que lutava por existir e obter uma cidadania que efetivamente era negada, como resultado da igualdade pregada pela ideologia da democracia racial que permanece, ainda hoje, abstrata.

O debate sobre antirracismo no Brasil, assim como ensinar a ser antirracista, passa obrigatoriamente pela necessidade de desconstruir o mito da democracia racial. Essa ideologia foi muito bem consolidada no imaginário de brancos e negros, constituindo as suas subjetividades. No entanto, ao longo da história recente do Brasil percebemos que essa construção apresenta contradições e lacunas que fragilizam sua percepção. Dessa forma, falar sobre racismo no Brasil sem discutir abertamente as mazelas que o estruturam, é permanecer em uma discussão vazia.

Até 1980 a legislação de imigração no Brasil, aprovada em 1945¹, condicionava a entrada de imigrantes no país, desde que se identificassem com o perfil da população brasileira, alegando uma suposta origem étnica com características de ascendência européia. No entanto os povos indígenas, que lutam no Supremo Tribunal Federal pela posse de suas terras, sinalizam que essa tese sempre foi fantasiosa, já que o Brasil, segundo os mesmos, é uma terra indígena².

Em 1890, o governo da República não possuía dispositivos legais de segregação, no entanto havia outros subterfúgios para dissimular a exclusão de pessoas não brancas, como fica indicado no decreto nº 528, de 28 de junho de 1890, que vetava a livre entrada de africanos e asiáticos, ao passo que a entrada de europeus, ou seja, pessoas brancas, era facilitada.

A edificação racializada da cidadania republicana foi constituída a partir de uma lógica que impedia as pessoas egressas do cativeiro de ter acesso aos espaços de poder e ao mesmo tempo os projetos de seleção racial priorizavam a imigração, vislumbrando uma nacionalidade branca. O racismo no Brasil sempre foi instrumentalizado pelo Estado, onde as legislações desde muito atingiram a população negra – o que se percebe mesmo em códigos penais que respaldaram a perseguição das religiões de matriz africana.

O conceito de raça, mais precisamente o racismo científico, partindo da Europa, passou a ser difundido em todo o mundo. O Brasil recebeu grande influência das ideias do Conde de Gobineau (1816-1882), um diplomata francês que atuava no país e que propagava essa teoria por aqui. Para Gobineau o Brasil estava fadado ao fracasso como nação, alegava que a mestiçagem seria um empecilho

¹ Decreto-lei nº 7.967, de 18 de setembro de 1945: “Art. 2º Atender-se-á, na admissão dos imigrantes, à necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência européia, assim como a defesa do trabalhador nacional”.

² A discussão sobre o Marco Temporal no Supremo Tribunal Federal (STF) é mais um episódio na luta dos povos indígenas pela posse de suas terras.

para se tornar um grande país (MAIA; ZAMORA, 2018). O racismo científico encontrou uma boa recepção entre autoridades e intelectuais da época, pois como herança da escravidão tínhamos a maior população negra fora do continente africano e este seria o principal motivo de impedimento de nossa evolução.

A partir dessa percepção podemos identificar os elementos primordiais que formam a subjetividade da população brasileira na relação entre negros, indígenas e brancos. Essa compreensão sobre o futuro da população negra e mestiça do Brasil muda a partir dos anos 1930, mas não desaparece. O discurso racista começa a perder força nos argumentos do campo político e nas interpretações do processo de desenvolvimento nacional. O aspecto positivo da mestiçagem no Brasil passa a ser considerado um importante elemento da unidade do povo brasileiro, fruto da superação das diferenças entre as raças, que a convivência harmônica permitiu ao país se libertar dos conflitos raciais observados em outros países.

Essa falsa harmonia racial foi construída em cima da alienação, subalternização e naturalização de um lugar de inferioridade imposto à população negra. A partir daí, legitima-se a nossa democracia racial, valorizando a mestiçagem que na realidade tinha por objetivo encobrir a manutenção de privilégios de parte da população branca através do racismo e a sua providencial redução de danos. O fundamental era ainda buscar alternativas para solucionar o problema da população negra no Brasil.

2 CAM E O DESEJO DE EMBRANQUECIMENTO DO BRASIL

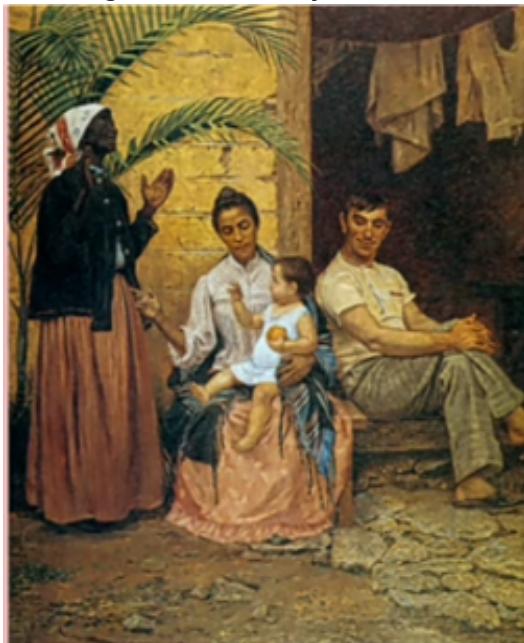
De acordo com a explanação do médico e cientista João Batista Lacerda (1846-1915), diretor do Museu Nacional, representante do Brasil no *I Congresso Universal das Raças*, realizado em julho de 1911, em Londres, o Brasil negro e mestiço em cem anos seria povoado por uma população branca, pois a miscigenação com o povo europeu cumpriria o seu destino (SCHWARCZ, 2011).

Lacerda estava tão convicto em seus argumentos que em sua comunicação recorreu ao que seria a representação visual do pensamento da sociedade brasileira sobre o modelo de povo desejado. Utilizou como ilustração a reprodução da pintura *A Redenção de Cam* (1895), obra do pintor espanhol naturalizado brasileiro Modesto Brocos (1852-1936).

A pintura foi premiada com a medalha de ouro da Exposição Geral de Belas

Artes de 1895 e antes mesmo de sua exibição ao público já alcançava importância nos periódicos da capital. Obtida pela Escola de Belas Artes, atualmente pertence ao acervo do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

Figura 1 - A Redenção de Cam



Fonte: Museu Nacional de Belas Artes (1895)

Ao observar a pintura temos uma mulher idosa de pele negra retinta, de lenço na cabeça, descalça, pisando em chão de terra, com o olhar direcionado para o céu, com mãos voltadas para o alto em gesto de agradecimento; uma outra mulher jovem de pele menos escura, provavelmente sua filha, de cabelos presos em um coque, sentada, posicionada entre o piso de terra e o calçamento, carregando uma criança branca em seu colo, ao que tudo indica seria seu filho; e ainda, o seu provável esposo, um homem branco sentado na soleira da porta de uma casa de alvenaria, construída sobre um calçamento, apresentando um olhar contemplativo direcionado ao filho. Além de posicionar cada personagem na trama, a imagem também ressalta a diferença nas tonalidades de suas epidermes.

Nossa leitura é de que a obra enuncia, em boa medida, as teorias raciais que permearam os discursos na Europa e seus reflexos no Brasil, do fim do século XIX, na busca pelo embranquecimento da população por meio da miscigenação (LOTIERZO; SCHWARCZ, 2013).

Quem seria Cam? Qual é a sua história? Essa resposta encontramos na Bíblia Sagrada. De acordo com seus escritos, Cam foi um dos três filhos de Noé

que, conforme relato no Livro de Gênesis, embriagou-se com vinho e então entrou na tenda onde o pai estava despidos e contou aos seus irmãos Sem e Jafé, que lhe cobriram com uma capa, manifestando o respeito que Cam não teve. Ao despertar, Noé soube e lançou uma maldição sobre Cam: “Maldito seja Cam; seja servo dos servos de seus irmãos!”³.

A partir dessa interpretação tortuosa da Bíblia argumentou-se que os negros foram amaldiçoados com a escravização. Foram essas as justificativas para a Europa cristã, com o respaldo da Igreja, escravizar os povos do continente africano. Converter a maldição lançada por Noé em redenção seria a salvação que por sua vez levaria à extinção do negro que tornar-se-ia branco. Dessa forma, o quadro apresenta de forma didática o processo de evolução da família brasileira.

3 A FRENTE NEGRA BRASILEIRA (FNB) NA LUTA CONTRA O RACISMO E A DESIGUALDADE

Na década de 1920, a cidade de São Paulo passava por um grande processo de industrialização e a população negra aos poucos era afastada dos setores mais dinâmicos do mercado de trabalho qualificado. O argumento falacioso de que os imigrantes que chegaram tinham mão de obra mais qualificada do que os nacionais, incluindo aos negros, não se sustenta. O senso de 1872 registrava que os negros escravizados e libertos exerciam as mais variadas atividades que exigiam um alto grau de qualificação (SANTOS, 2019). Ainda sim, dentro dessa lógica do embranquecimento, a substituição e a invisibilização da população negra no Brasil alcança um contorno expressivo.

Ainda no início do século XX, a eugenio ocupa um espaço importante no projeto de nação executado pelo Estado brasileiro. Pouco citado nos debates sobre as questões raciais, apoiado pela sociedade, o eugenismo praticado no Brasil, embora pouco se fale a respeito, deixou marcas profundas e também explica as discriminações raciais sofridas pelas pessoas negras no Brasil. É um tema constrangedor e vergonhoso, mas sobretudo foi uma prática que é convenientemente esquecida.

É nesse contexto que ganham espaço os clubes e organizações de negros e negras que buscam formas de resistência para contrapor-se às hostilidades sofridas

³ A maldição de Noé sobre Cam também recaiu sobre Canaã, seu filho, que seria servo de Sem e de Jafé, irmãos de Cam.(LOTIERZO; SCHWARCZ, 2013)

no Brasil. A partir da década de 1930, em São Paulo, essa mobilização é fortalecida com a criação da *Frente Negra Brasileira* (FNB). Diante do racismo que permeia a sociedade, essa entidade passa a cumprir esse papel de luta política em defesa da verdadeira cidadania, que permanecia negada após a abolição.

Sem tardar, a organização vivenciou um rápido avanço, formando-se outras agremiações congêneres nos estados da Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul, com delegações também em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, todas com o objetivo de defender os direitos civis da população negra.

Segundo Domingues (2008), diante da falta de políticas públicas voltadas à população negra, os líderes dessas agremiações entendiam que a educação era a meta principal a ser atingida, pois era a ferramenta estratégica para a inserção da população negra na sociedade.

Além das manifestações contra a discriminação racial, as frentes negras também reivindicavam uma participação política e igualdade de direitos aos constituintes de 1933. Assim, em 1933 é criado o jornal *A Voz da Raça*, um veículo de informação da FNB. A linha editorial do jornal levantava discussões incentivando os negros a competirem com os brancos nas mais diversas áreas de atuação, posicionando-se dessa forma contra a ideia de branqueamento da população brasileira, exaltando os valores da população negra.

O periódico combatia o racismo e denunciava os casos de discriminação de brasileiros brancos e negros em benefício de estrangeiros brancos e amarelos. (MARTINS, 2018).

Um aspecto que podemos notar nos discursos apresentados por essas entidades são os argumentos racistas predominantes da época sobre o comportamento da população negra, onde eram destacadas pejorativamente características morais, psicológicas e sociais, onde são reproduzidos estereótipos racistas bastante comuns, inclusive atribuindo à essa população a falta de civilidade e a necessidade de ajuste aos valores morais do branco. Assim, a busca pela civilidade branca só poderia ser alcançada se o indivíduo não se entregasse ao alcoolismo, alisasse o cabelo e seguisse a doutrina cristã e outros aspectos que concretizam uma verdadeira democracia racial (MARTINS, 2018).

A ascensão social do negro brasileiro fica condicionada à sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais, onde o negro toma o branco como modelo de identificação, sendo a única possibilidade de “tornar-se gente” (SOUZA, 1983).

4 A ALVORADA E A FRENTE NEGRA PELOTENSE (FNP)

No Rio Grande do Sul, coube a um grupo de jovens negros da cidade de Pelotas a iniciativa de fundar a *Frente Negra Pelotense* (FNP) em 1933. O seu objetivo principal era a alfabetização, a educação da comunidade negra e a reivindicação de uma noção de pertencimento, buscando uma identificação negra e com esta uma afirmação da sua história (SILVA, 2011).

A educação era vista como um mecanismo de valorização social e meio de retirar o negro da situação de miséria e marginalização em que vivia. Conforme Loner (1999), no entendimento do grupo somente através da educação é que a população negra poderia obter uma ascensão social e cultural, possibilitando com isso um reconhecimento da sociedade. A FNP também considerava fundamental discutir a discriminação que a população negra sofria em Pelotas. A cidade possuía espaços demarcados onde negros e negras tinham seu acesso negado, no entanto isso era omitido ou ignorado (LONER, 1999).

Por que uma cidade localizada no extremo sul do Estado do Rio Grande do Sul, conhecido nacionalmente pela presença marcante da imigração europeia e por uma suposta inexistência de uma população negra, hoje negada por inúmeros trabalhos acadêmicos, também ocupava uma posição de destaque no enfrentamento ao racismo no Brasil na década de 1930-1940?

Em primeiro lugar é fundamental ressaltar que a cidade de Pelotas era uma cidade escravista e que a sua principal atividade econômica girava em torno das charqueadas, tornando-se a maior produtora de charque do Império do Brasil. A população negra escravizada foi utilizada como mão de obra e as crianças cativas a partir dos oito anos já eram empregadas no trabalho como aprendizes. As charqueadas eram grandes propriedades rurais que processavam carne, couro e ossos que funcionaram entre 1780 e 1910, quando entram em declínio com a chegada dos frigoríficos, que dispensavam o processo de salga da carne (LONER, 1999).

A atividade atingiu o seu auge ao longo do século XIX, sendo responsável pela opulência econômica, arquitetônica e cultural da cidade nesse período. A produção de charque, com a força da mão de obra escrava, propiciou à cidade um grande acúmulo e movimentação de capital, motivado pela alta cotação do charque no mercado. Essa conjuntura, que atingiu seu apogeu entre as décadas de 1860 e

1890, possibilitou aos charqueadores intensos investimentos em atividades de cunho cultural na cidade de Pelotas, apontada como a mais aristocrática cidade do Rio Grande do Sul (VARGAS, 2017).

Após a abolição, a população negra passa à condição de classe operária na cidade, onde consolida uma rede de associativismo negro que já existia durante a escravatura, com a criação das primeiras irmandades negras, que se mantiveram em funcionamento possibilitando o surgimento de inúmeras associações de recorte racial (SILVA, 2011).

A criação da FNP estava ligada diretamente às aspirações dos editores do jornal. Esse periódico teve uma longa atuação entre a comunidade negra e operária da cidade, tendo sido fundado em 1907 e existindo até meados da década de 1960 (LONER, 1999). O semanário apresentava-se como um *Periódico Literário, Noticioso e Crítico* e sua missão primordial era divulgar ideias buscando impulsionar a população negra a valorizar a educação e também combater as desigualdade entre brancos e negros em Pelotas.

Até então, *A Alvorada* era o principal veículo de luta da população negra que era proibida de frequentar diversos locais públicos e privados, não só em Pelotas, mas em várias outras cidades do Rio Grande do Sul. Sua linha editorial pregava a defesa da raça, através da denúncia de atos discriminatórios e dos interesses dos operários pelotenses. O periódico circulava aos domingos e podia ser assinado ou comprado em bancas, barbearias e no Mercado Central, sendo distribuído não apenas em Pelotas, mas nas cidades de Rio Grande, Canguçu, Bagé, Jaguarão e Alegrete (GOMES, 2011).

Segundo Silva (2011), na publicação eram narradas histórias e notícias de interesse da população negra e operária, além de relatos de práticas de racismo em Pelotas e outras cidades do Estado.

De acordo com Santos (2003, p. 117), a segregação da população negra pelotense não ficava restrita aos espaços públicos fechados (cinemas, cafés e teatros). Abrangia também a locais públicos abertos como ruas, jardins e praças. Segundo relatos verbais, em muitos locais públicos eram proibidos de permanecer e nas calçadas da cidade tinham que ceder os espaços para os brancos circularem.

Através do jornal buscava-se também a construção de uma coletividade negra procurando superar as diferenças em decorrência das diferenças de cor e colocando-se todos como membros de um só povo.

No Brasil, relacionamos a pele mais clara ao fato de que quem a possui tem um grau de miscigenação que o leva a estar mais próximo às qualidades da branquitude, como racionalidade, intelecto e beleza, enquanto a pessoa negra de pele retinta é identificada como bárbara, primitiva e selvagem (DEVULSKY, 2021).

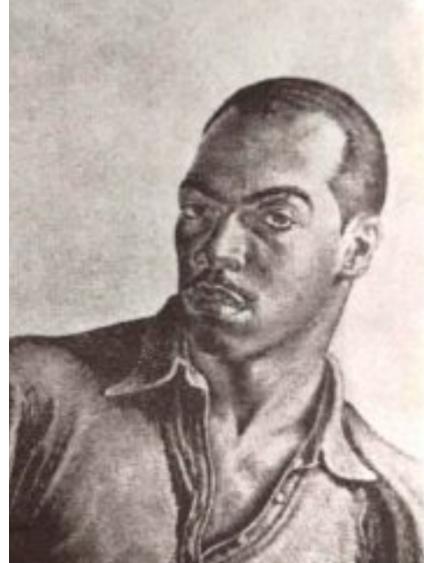
Assim, o mulato era percebido como um indivíduo que ao ascender socialmente tinha propensão em se afastar das pessoas de cor, discriminando-as.

Utilizando como veículo de comunicação o jornal *A Alvorada*, a FNP procurava conscientizar os mulatos dessa posição que ia contra a unidade racial ou uma identidade racial negra, a qual englobava pretos, pardos, mulatos e crioulos. Essa tomada de consciência só seria possível através da instrução onde todos saberiam e defenderiam serem todos negros e, para alcançar esta convicção, era necessário afastar-se dos preconceitos e das teses branqueadoras.

5 MIGUEL BARROS, O MULATO: ENTRE A ARTE E O COMBATE AO RACISMO

É neste cenário que destacamos a importância do pintor negro pelotense Miguel Barros (1913-2011) conhecido como Barros, o Mulato (SABANY; CARVALHO, 2019). Miguel Barros nasceu na cidade de Pelotas-RS em 13 de agosto de 1913, filho de João Moreira Barros e Mercedes Barros, família negra de boa condição financeira, ao contrário de boa parte das famílias negras da cidade, pois o pai era proprietário de uma fábrica de carimbos. Iniciou sua carreira artística aos 17 anos, estudando na Escola de Belas Artes que funcionava no Conservatório de Música de Pelotas, onde foi aluno do professor João Fahrion e mais tarde de Leopoldo Gotuzzo.

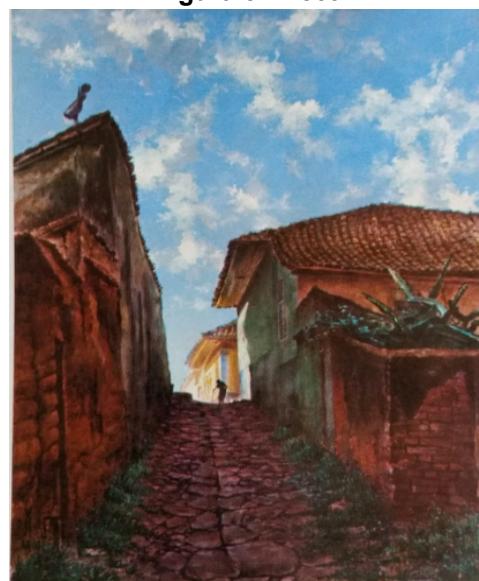
Figura 2 - Autorretrato de Miguel Barros



Fonte: arquivo da família (s/data)

A partir de 1937, Barros começa a assinar as suas obras como Mulato e sua primeira exposição em Pelotas causou um bom impacto, sendo descrito como possuidor de “um individualismo marcante, tendências muito bem definidas, originalidade, precisão e detalhes anatômicos, habilidade de combinação das cores na paisagem, luz e realidade” (RIBEIRO, 1932 *apud* SABANY; CARVALHO, 2019).

Figura 3 - Beco



Fonte: Foto/Roberto Moura Bonini(s/data)

Miguel Barros era responsável pelas atividades culturais do *Centro de Cultura Negra de Pelotas* e em 1934 assumiu a redação do jornal *A Alvorada*. Era costumeiro os redatores do jornal utilizarem codinomes quando escreviam artigos sobre assuntos mais polêmicos, bem como defenderem uma identidade positiva para os negros. Nomes como Creoulo Leugim, Moço Negro e Negro Velho são algumas das denominações utilizadas (SABANY; RODRIGHIERO, 2020).

Segundo Santos (2003) há indícios de que Barros assinasse alguns artigos com o pseudônimo Pardo Otreba e que desapareceram quando ele segue para Recife em 1934, a fim de participar do I Congresso Afro-Brasileiro, representando a FNP, oportunidade em que realiza exposição de suas obras em Pernambuco. O I Congresso Afro-Brasileiro foi organizado por Gilberto Freyre (1900-1987), e entre as suas atividades foram debatidos diversos temas, bem como discussões sobre o seu livro *Casa Grande e Senzala* (1933) (GOMES, 2011).

Em sua estadia na capital pernambucana, Barros manteve contato com o ativista, poeta, escritor, teatrólogo, ator, pintor e pesquisador das tradições populares Solano Trindade (1908-1974), conhecido como Poeta do Povo. Solano é uma importante referência não só para a cultura brasileira em geral mas, principalmente, em prol da consciência negra e da luta pelos direitos dos negros no Brasil.

Figura 4 - Cavalos



Fonte: Foto/Roberto Moura Bonini(s/data)

Entre as décadas de 1930 e 1940, Barros realizou inúmeras exposições, fazendo grande sucesso no Brasil e no exterior. Revistas e jornais da época ocupavam seus espaços para divulgar suas exposições que eram bastante concorridas:

Vem ser inaugurada no Palácio Trocadero em São Paulo, a exposição permanente de Barros, o Mulato, perante um grande número de intelectuais, artistas e figuras de relevo da sociedade paulistana, foi realizada a cerimônia de abertura da mostra, tendo o poeta Mauro de Moraes tendo pronunciado uma conferência situando o pintor gaúcho no panorama artístico nacional. (REVISTA O MALHO, 1943, p. 14).

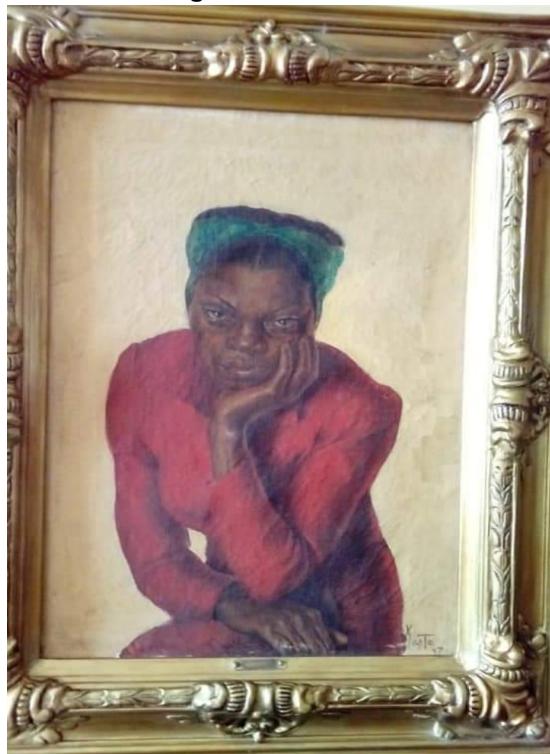
A presença de Barros na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, movimentou a classe artística, intelectuais e autoridades, conforme cita o jornal *O Imparcial*:

A exposição de Barros, o Mulato, em Nictheroy aberta solemnemente sábado a tarde, continua muito visitada e elogiada. Barros, o Mulato, artista que faz de sua vida uma peregrinação de beleza, ininterruptamente, numa satisfação que é uma de suas qualidades mais preponderantes, tem sua mostra de retrato, aberta no Club Central de Nictheroy. O artista dos Pampas mostrou, agora a faceta interessante de physionomista agudo e instantaneo, que sabe num 'coup d'oeil' fixar com exatidão espantosa, a face do modelo até então desconhecido, que naquelle instante sentou à sua frente para posar. Barros, o elogiado e commentado, pelos críticos de todo o Brasil, tem sua personalidade firmada no scenario artístico do paiz e seu novo sucesso já era de antevisto por todos os que conhecem seu talento. Como retratos de acurada observação psychologica, destacamos o do Sr. interventor Amaral Peixoto, prefeito Brandão Junior, sociólogo Oliveira Viana, desembargador Macedo Soares, Dr. Alfredo Neves, além de muitos outros que também felizes, completam a selecta galeria. Na secção de pintura, Barros, o Mulato, além de expor "A Venda", tela já consagrada mostrou também algumas paisagens do Norte, com seus coqueiros ondulantes, acenando suas palmas para o mar verde do Atlântico equatorial. A exposição de Barros, o Mulato, permanecerá aberta até domingo (O IMPARCIAL, 1938, p. 11).

Além de inúmeras exposições no Brasil e exterior, Barros, ainda no início de seu percurso, produzia muito e vendia muitas obras, e é provável que a sua atividade como artista plástico permitia-lhe uma relativa estabilidade financeira, o que não era banal naquele período (SABANY; CARVALHO, 2019). Barros realizou exposições em João Pessoa, Natal, Maceió, Rio de Janeiro, Belém, Curitiba, Belo Horizonte, São Paulo, Juiz de Fora, Recife e Piracicaba. No exterior expôs na Argentina, Uruguai e Estados Unidos. Aproveitava essas viagens para reproduzir obras com temas das paisagens locais:

Exposição de pintura - Em excursão pelo interior, o pintor Barros, o Mulato realiza com grande êxito uma mostra em Belo Horizonte. O artista patrício aproveitará sua estadia na província montanheira para aumentar sua coleção destinada aos Estados Unidos [...] (FON-FON, 1941, p. 20).

Figura 5 - A Mulata



Fonte: Foto/José Eduardo B. Cunha(1947)

Em junho de 1935, Miguel Barros publica um artigo no jornal *Diário de Pernambuco*, respondendo às acusações dirigidas às frentes negras, vindas entre outras pessoas, do político Gustavo Barroso que afirmava que as mesmas eram subsidiadas pelo governo de Moscou tendo como objetivo criar um clima de desarmonia entre o povo brasileiro. Em sua resposta Barros (1935, p. 8) enfatiza a necessidade defender o povo negro e que “o preconceito do qual se dizem tantos prós e contras é uma questão única, que só pode ser falada por aqueles que realmente o sentem com todas suas restrições humilhantes”. E segue destacando “que escritores de mentalidades evoluídas afirmassem elogiosamente o serviço prestado pelo preto, é bem certo, mas não impediu isto que se tirasse da mente brasileira as teorias de Gobineau” (BARROS, 1935).

Barros prossegue relatando os casos de racismo ocorridos em Pelotas, quando os proprietários de um teatro e um cinema vetavam o acesso de pessoas negras em suas dependências:

Sentindo sempre as investidas impatrióticas dos preconceituosos foi que a F.N. Pelotense se organizou e tivemos a par de tantos outros casos, no mesmo teatro 13 anos após a sua fundação, a negação do proprietário, quanto a apresentação em seu palco de um conjunto teatral composto de elementos de cor de Pelotas. Outro proprietário de uma empresa exclusiva de filmes, interrogado por que não permitia negros em seu cinema de luxo, disse que a plateia preferia ter a seu lado uma meretriz branca a um negro ou negra, e se os permitissem ficaria com o cinema vazio [...] (BARROS, 1935, p. 8).

Em seus apontamentos sobre as práticas discriminatórias a que o povo negro é submetido no cotidiano, Miguel Barros ressalta:

Os fatos antigos não deixaram de ser repetidos, e os letreiros, garrafais, de uma barbearia de Recife antigo: ‘brancos todos, pardos alguns e negros nenhum’, parece que ainda é a sintetização da consciência brasileira [...] E houve um filósofo negro, desconhecido, que deixou um provérbio, perfeitamente real: ‘quando o branco come com o preto, a comida é do preto’, é o que ele sempre repetia quando via algum de seus patrícios na intimidade de um branco interesseiro (BARROS, 1935, p. 8).

Barros (1935) relata a denúncia da FNP onde o prefeito de São Leopoldo, uma cidade com presença expressiva de imigrantes alemães sob forte influência do integralismo⁴, que após a inauguração da praça central da cidade, proibiu “negros e meretrizes” de utilizarem os bancos da aludida praça.

⁴ Os integralistas tinham como principal líder, o político e escritor paulista Plínio Salgado. Em 1932 fundaram a Ação Integralista Brasileira (AIB), que defendia um governo forte, autoritário e militarizado, contrários ao liberalismo e comunismo, conduzido por um único chefe, mantendo somente um partido. Apelando para o nacionalismo, a AIB obteve apoio de amplos setores da sociedade até 1937 quando foi considerado ilegal pelo Estado Novo. (RAMOS, 2008)

Figura 6 - Miguel Barros



Fonte: Foto/arquivo de família (s/data)

Por fim, o artista e ativista enfatiza que o povo negro viveu e vive isolado e que a única representação que possuía eram as sociedades carnavalescas, que eram a única forma de associação após a servidão e que as frentes negras reivindicam a igualdade com a formação de suas organizações de educação, desenvolvimento moral, físico, intelectual e cordialidade com paridade racial (BARROS, 1935).

A Frente Negra Pelotense se manteve atuante até 1935 e Miguel Barros prosseguiu com a sua carreira de artista, já bastante conhecido no país e no exterior, realizando inúmeras exposições. Em 1970 resolveu fixar residência em uma chácara na cidade de Mogi das Cruzes-SP, onde passou a cultivar a maior parte dos alimentos que consumia. Barros praticava meditação e era um entusiasta da reciclagem, também criou o seu ateliê e participou de associações e exposições até o seu falecimento, em 14 de fevereiro de 2011.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil instituiu um projeto de nacionalidade baseado em uma forma sofisticada e perversa de racismo que, diferente de outros países, logrou êxito na nossa sociedade gerando uma repercussão danosa para a população negra.

Ao produzir um diálogo entre a obra *A Redenção de Cam* (1895) e a trajetória de Miguel Barros (1913-2011) como artista e ativista da FNP, o presente artigo

constrói uma discussão sobre o modo como o racismo atravessa a vida de pessoas negras no Brasil e como transcorrem as formas coletivas de reações ao projeto excludente que é dirigido a essa população.

Mais do que adquirir uma instrução formal para ser aceito na sociedade brasileira, a população negra não tinha o atributo principal. A questão fundamental do racismo no Brasil e seus atravessamentos na população negra e mestiça é a ausência do “capital epidérmico”, ou seja, ser branco ou possuir a epiderme próxima da branca para obter maiores possibilidades de ascensão social e aceitação. As frentes negras acreditavam que através da educação o seu reconhecimento como negro e a sua exaltação possibilitariam superar essa exclusão sistemática, no entanto havia evidências de que o problema envolvia o aspecto racial nunca admitido.

Apesar de seu legado como artista e antirracista, Miguel Barros nunca teve o devido reconhecimento na História do Brasil e permanece invisibilizado.

A atuação das frentes negras prova que o racismo no Brasil sempre foi negado, no entanto as denúncias de práticas racistas, a luta pela consciência racial e valorização do povo negro expõem as condições dessa população, desconstruindo a narrativa da democracia racial e promovendo uma discussão sobre a situação do povo negro na sociedade brasileira e as suas consequências, sentidas até hoje.

7 REFERÊNCIAS

BARROS, Miguel. **Frente Negra**. Jornal Diário de Pernambuco, Recife, 20 de junho de 1935, p. 08. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=029033_11&PagFis=1039. Acesso em: 25 out. 22.

BONINI, Roberto Moura. **Beco**. s/data. 50cm x 65cm. Fotografia.

BONINI, Roberto Moura. **“Cavalos” de Miguel Barros, O Mulato (óleo sobre tela, 24 x 18cm)**. Fotografia, 23 de julho de 2021. Disponível em: https://m.facebook.com/groups/1090218931406168/?paipv=0&eav=AfacOBQjRVlym atGYBrbf7W28VDvZeX6CIpCB1r9hrbbu3wf-QjDBbYzcCI_XgjgoQ. Acesso em: 29 nov. 22.

BRASIL. **Decreto-lei nº 7.967, de 18 de setembro de 1945**. Dispõe sobre a Imigração e Colonização, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-7967-18-setembro-1945-416614-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 out. 22.

BRAZIL. **Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890.** Regularisa o serviço da introdução e localização de imigrantes na República dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Regularisa%20o%20servi%C3%A7o%20da%20introdu%C3%A7%C3%A3o,dos%20Estados%20Unidos%20do%20Brazil>. Acesso em: 4 set. 22.

BROCOS, Modesto. **A Redenção de Cam.** 1895. Óleo sobre tela, 199 x 166 cm.

COGOY, Carlos. **Miguel Barros: homenagem resgata a história de artista negro.** Diário da Manhã, Pelotas, 3 de fevereiro de 2021. Fotografia. Disponível em: <https://diariodamanhapelotas.com.br/site/miguel-barros-homenagem-resgata-a-historia-de-artista-negro/>. Acesso em: 15 out. 22.

CUNHA, José Eduardo Barbosa. **“A Mulata”**, de Miguel Barros, O Mulato. 1947. Fotografia, 5 de dezembro de 2020.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo.** Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Ed. Jandaíra, 2021.

DOMINGUES, Petrônio. **Um "templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação.** Revisão Brasileira de Educação, v. 13, n. 39, dez./2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000300008>. Acesso em: 23 set. 22.

FON-FON, Rio de Janeiro, Ed. 28 p. 20, 12 de julho de 1941. Exposição de pintura.

GOMES, Arilson dos Santos. **Oásis e desertos no Brasil: da Frente Negra Brasileira aos congressos nacionais sobre a temática afro-brasileira e negra. Acervo** – Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 131-146, 2011.

LONER, Beatriz Ana. **Negros: Organização e Luta em Pelotas.** História em Revista, Pelotas, v. 5, p. 7-27, dez./1999.

LOTIERZO, Tatiana H. P.; SCHWARCZ, Lilia K. M. **Raça, gênero e projeto branqueador: "a redenção de Cam", de modesto brocos.** Arteologie, Paris, nº 5, out./2013. Disponível em: <http://cral.in2p3.fr/artelogie/spip.php?article254>. Acesso em: 4 maio 2022.

MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas. **O Brasil e a Lógica Racial: Do branqueamento à produção de subjetividade do racismo.** Psic. Clin., Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 265 – 286, 2018.

MARTINS, Hildeberto Vieira. **Outros personagens entraram em cena: o movimento negro e a emergência de uma "política racializada".** Revista Estudos e Pesquisa em Psicologia, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, 2018.

O IMPARCIAL, Rio de Janeiro, nº 811, p. 10, 15 de janeiro de 1938. Exposição.

O MALHO, Rio de Janeiro, nº 044, p. 44, setembro de 1943. Exposições de pinturas de Barros, o Mulato.

QUE REPÚBLICA É ESSA? Arquivo Nacional, 17 de setembro de 2019. Disponível em: <http://querepublicaeessa.an.gov.br/temas/68-historia/176-artigo-157.html>. Acesso em: 20 out. 2022.

RAMOS, Alexandre Pinheiro. **O Integralismo entre a Família e o Estado: uma análise dos integralismos de Plínio Salgado e Miguel Reale (1932-1937).** (Dissertação mestrado em História Política) Instituto de Ciências Humanas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 262. 2008.

SABANY, Darlene Vilanova; CARVALHO, Luiza Fabiana Neitzke de. **Barros, o mulato: o pintor negro pelotense.** Revista Seminário de História da Arte, Pelotas, v. 1, n. 8, 2019.

SABANY, Darlene Vilanova; RODRIGHIERO, Juliana Cavalheiro. **História apagada: Barros, o Mulato, o pintor negro de Pelotas.** RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade, v. 6, n. 4, 2020. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1763>. Acesso em: 24 out. 2022.

SANTOS, José Antônio dos. **Trabalhadores e movimento negro: negociação e conflito no sul do Brasil.** Saeculum - Revista de História, João Pessoa, n° 10, jan./jul. 2004, p. 113-140. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11291>. Acesso em: 1 out. 2022.

SANTOS, Renan Rosa dos. **"I Perchê nu só nazionale"?: o olhar negro sobre os imigrantes no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932).** In: Simpósio Nacional de História da ANPUH, 30., Recife, 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan./mar. 2011, p. 225-242.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **A busca por uma unidade identitária negra em terras sulinhas no pós-Abolição: Imprensa negra; Frente Negra Pelotense e Clubes Sociais Negros em Pelotas-RS (1907-1937).** In: Simpósio Nacional de História da ANPUH, 26., São Paulo, 2011. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011, p. 1-14. Disponível em: 1313005512_ARQUIVO_Abuscaporumunaunidadeidentitarianegraemterrassulinhasnops-Abolicao.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro - As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

VARGAS, Jonas Moreira. **"As mãos e os pés do charqueador": o processo de fabricação do charque e um perfil dos trabalhadores escravos nas charqueadas de Pelotas, Rio Grande do Sul (1830-1885).** SÆCULUM - Revista de História, João Pessoa, n. 36, jan./jun. 2017.